

RESQUÍCIOS DE UMA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

YANE APARECIDA MESQUITA LUZ ¹

ANA LUIZA SALGADO CUNHA ²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever e refletir sobre uma experiência específica vivida por uma professora-regente dos anos finais da educação básica, em uma escola pública – localizada na cidade de Vitória da Conquista/BA. A temática é voltada para práticas de ensino, letramento, sensibilização e acolhimento do aluno, o qual é, nesse resumo, investigado sob o nome fictício de Abel. Assim, esse estudo busca, nessa experiência descrita, amenizar sequelas deixadas pelo necessário ensino-remoto, em virtude da Covid-19, que, infelizmente, foi difundido e implementado de forma desigual, privando alguns de seu acesso à educação e chegando de forma não contemplativa no tocante à aquisição do conhecimento de fato a outros.

Palavras-chave: Educação. Pandemia. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Era início de março de 2020, a escola em pleno funcionamento, alunos enérgicos, e, nós, professores, empenhados em iniciar mais um ano letivo. O mundo acompanhava com uma cautela as notícias relativas ao surgimento de uma nova doença, ainda sem muitas informações de causas, formas de transmissão e letalidade. Não era possível prever o que nos aguardava nesse período. A velocidade em que a nova doença avançava era assustadora. Ainda, com informações insuficientes, sabíamos que se tratava de uma doença viral – de transmissão respiratória, com grande letalidade, principalmente aos que possuíam comorbidade – denominada Covid-19³.

Em pouco tempo, a doença que havia se manifestado inicialmente na China, já estava presente em todos os continentes povoados do globo, o que levou a Organização Mundial de Saúde (OMS) classificá-la como uma Pandemia. A disseminação geográfica acelerada da Covid-19 provocou inquietações nas autoridades, levando-as a lançarem mão de medidas protetivas para a população. Diante dos fatos desencadeados pela Covid-19, o mundo parou. Em nenhum aspecto, era possível prever as mudanças no cotidiano mundial, de nenhuma esfera, e isso incluía a educação.

¹ Mestre em Genética, Biodiversidade e Conservação (UESB). Servidora pública municipal lotada na Secretaria Municipal de Educação de Vitória da Conquista/BA. Contato: yanemesquita@bol.com.br.

² Doutora em Educação (UFSCar). Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Contato: ana.luiza@uesb.edu.br.

³ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Informações podem ser consultadas em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19>. Acesso em: 01 set. 2024.

No município de Vitória da Conquista/BA, onde se deu o caso em análise, as aulas foram suspensas inicialmente por um decreto de 15 dias, que se renovou por mais 15 dias⁴ e por mais 15 dias, sendo retomado o ensino presencial após dois anos, aproximadamente. A educação foi demasiadamente afetada, embora sempre muito organizada em seus Currículos, Metodologias, Planejamentos, Metas e Avaliações.

A esse respeito, a ideia de Saviani (2008b) acerca do currículo como atividades que são desenvolvidas pelo espaço escolar, é de grande valia para nós, pois este é o núcleo estruturante do fazer educacional. Logo, são ações essenciais para que a escola mantenha a sua especificidade. E, agora, seria possível implementar o que costumeiramente planejamos? Não havia nada definido, era preciso aprender, mas como aprender a fazer fazendo?

E não é que foi assim. Aprendemos no decorrer das necessidades a fazer o possível, a educação precisou se adaptar. A mola propulsora desse novo modelo de educação foi pautada no ensino remoto. Forma possível de chegar aos alunos por meio da tecnologia. No entanto, vivemos em um país de abrangência continental e com todas as mazelas de desigualdade social, que um país tão diverso enfrenta. Desse modo, foram dois anos letivos ministrados via aulas remotas, por professores que não necessariamente possuíam domínio tecnológico, aparelhos compatíveis e acesso à internet de qualidade para tal.

No eixo dos alunos, questionamos se esses possuíam os requisitos necessários para o sucesso desse novo modelo de educação. A resposta, por sua vez, é dura: não. Tentamos, fizemos. Infelizmente, só começamos a avaliar todo processo e seu impacto na educação depois que ele passou.

Em 2022, iniciamos mais um ano letivo, dessa vez diferente dos últimos dois anos, retornamos para a sala de aula presencial, iríamos conhecer quais seriam os nossos alunos do pós ensino remoto. Nessa óptica, o presente relato, em formato de resumo expandido, objetiva descrever e refletir sobre uma experiência específica vivida por mim⁵, professora-regente, voltada para práticas de ensino, letramento, sensibilização e acolhimento do aluno de nome fictício Abel, sujeito principal desta experiência. Com 12 anos de idade, regularmente matriculado no ano letivo de 2022, no 6º ano do ensino básico anos finais, tendo em vista o contexto pós-pandemia da Covid-19.

Afirmamos, aqui, a importância da experiência enquanto prática formativa no trabalho docente, como processo de aprendizagem e desenvolvimento profissional que ocorre através

⁴ Decreto 20.190 de 16 de março de 2020. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br>. Acesso em: 29 ago. 2024.

⁵ Faço uso da primeira pessoa do singular para compartilhar as emoções e vivências deste período em discussão.

da prática cotidiana de ensinar, através da qual tecemos esse relato como momento crucial do crescimento contínuo e da melhoria das habilidades pedagógicas.

UM OLHAR ATENTO ÀS ESPECIFICIDADES DO ENSINAR

Iniciando o ano letivo de 2022, ao interagir com a turma de 6^o ano, estávamos todos eufóricos, tínhamos novamente a rotina do contato diário. Nas primeiras aulas, fui fazendo sondagens diversas para entender quais eram os meus alunos, quais habilidades possuíam, e em que eu iria precisar atuar para instigá-los a querer adquirir novos conhecimentos, pois: “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”. (Freire, 1996, p. 15). É, então, necessário indagar, questionar, conhecer, para só assim abrir a possibilidade de transformar.

Não precisou muito tempo para eu notar que alguns alunos dessa e de outras turmas não tinham habilidades compatíveis com a série em que estavam matriculados. Eis que o diagnóstico estava feito. Como contribuir para mudar essa realidade? Parece até redundante, uma professora tentando encontrar maneiras de ensinar, mas é um fato. Sou licenciada em Ciências Biológicas, leciono três aulas de 50 minutos por semana em cada turma, tenho uma série de conteúdos pré-estabelecidos para trabalhar no decorrer de três trimestres. Como ensinar “Sistema solar” a um aluno que apenas consegue traçar seu primeiro nome em letra bastão?

Dessa forma, surgiu um novo risco, um desafio chamado Abel. Durante o ano letivo de 2022, trabalhei com Abel, nos meus dois horários vagos de 50 minutos cada, na sala dos professores, e agora descrevo para vocês essa história real e prazerosa. Como ponto de partida, solicitei, à época, à coordenadora da escola, que possuía formação em Pedagogia que avaliasse Abel, realizasse testes pedagógicos que pudessem orientar sobre qual fase da aquisição de conhecimento ele estava. Fui prontamente atendida e da qual recebi o relato que dizia:

[...] Em março de 2022, foram realizados testes pedagógicos com o aluno Abel, matriculado no 6^o ano do ensino básico, anos finais, nesta Unidade de Ensino. Os testes demonstraram que o mesmo só escreve o primeiro nome, escrita silábica, em letra bastão. Reconhece os números de 0 a 10, realiza pequenas operações de adição e subtração. Ler palavras de duas sílabas, escrita em letra bastão, com bastante dificuldade.

Ao receber o relatório, li e não me surpreendi, pois, apesar da falta da formação pedagógica em meu currículo, já havia feito as observações na prática da sala de aula quanto

às dificuldades de Abel, e falta de condições dele acompanhar a série que estava matriculado. Ainda nesta semana, solicitei da gestão escolar a autorização para convidá-lo a ser atendido por mim em meus horários vagos. Pedido concedido, agora era hora de conhecer o porquê de ele não possuir as competências e habilidades que se esperava.

Em nossa “primeira aula” desse processo, julgo eu que foi a mais importante de todas, procurei conhecer Abel, queria saber como havia sido o ensino remoto na prática dele. Ficou claro o porquê de todos os meus questionamentos. Abel não teve acesso ao ensino remoto, ele era um representante dos muitos alunos que não possuía celular, computador e internet.

Nesse momento, um sentimento de revolta me veio, afinal estava testemunhando a materialização que a desigualdade social gera na aquisição do conhecimento, pois “[...] está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel altamente formador” (Freire, 1996, p. 18).

Em tal processo, percebi como política e educação se fundem numa relação de interdependência e observei o quanto a educação é dependente da política. Seria possível a educação por si só atingir seu objetivo sem políticas de assistências que disponibilizasse os meios? Instigar a reflexão, é uma arma da educação, afinal, como afirma Saviani (2008a): “A educação é sempre um ato político”.

Em 2020, Abel estava matriculado no 3^o ano dos anos iniciais da educação básica, engatinhando no processo de alfabetização, com uma única professora. Em contrapartida, como em um passe de mágica, ele foi paralisado nessa fase, retomando o contato com a educação de fato em 2022. Agora, no 6^o ano dos anos finais da educação básica, com 10 professores, cada um com conteúdos a serem ministrados.

Ao refletir a respeito dessa realidade, me lembrei da fala de Freire (1996, p. 19), quando declara que “[...] às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo”. Com base nessa reflexão, procurei, nos nossos primeiros contatos, conversar sobre suas preferências, como cor preferida, time de futebol, comida que mais gostava, o que o deixava feliz, como era sua rotina, quais seus medos, e a pergunta clichê, o que ele queria ser quando crescesse.

Assim, estabelecemos um laço, minimamente afetivo, servindo de alicerce para o desenvolvimento de nosso trabalho juntos. Nosso segundo encontro foi complicado, cheguei

com um pequeno texto de palavras dissílabas e ele não conseguiu identificar quais letras do texto eram vogais e quais eram consoantes.

Paramos o texto, e fomos aprender quais eram as vogais do nosso alfabeto. Passaram-se aproximadamente trinta dias, o que representava em média sete aulas de 50 minutos, e Abel conseguiu o seu primeiro grande avanço, conquistou a escrita do seu nome completo, em letras bastão e agora já conhecia todas as letras do alfabeto, diferenciava vogais e consoantes, e conseguia reconhecer as letras iniciais dos objetos que íamos apontando próximos a nós, na sala dos professores. Comemoramos. Era a nossa primeira grande conquista.

Seguimos, com sensibilidade e altas doses de incentivo, elogios e estímulos. A biblioteca da escola era outro espaço utilizado por nós, lá buscamos livros com tema do interesse dele, e a leitura era feita, inicialmente figurativa, e com o desenvolvimento de habilidades, Abel já lia alguns fonemas.

Em nossas conversas, ele relatou que gostava muito de cachorro, e passamos a ser os caça-livros que tinham cachorro como personagens. E não é que funcionou? Com o livro “História vira-lata”, da autora Sylvia Orthof, Abel conseguiu fazer sua primeira leitura e interpretação de texto. Esse momento foi fantástico, um divisor de águas. A autonomia dele e autoconfiança se agigantaram e tudo começou a fluir melhor. Chegamos a abril de 2022, nesse mês a segunda grande conquista, Abel agora faz seu nome completo, porém não mais em letra bastão, ele passou a dominar a letra cursiva. Lembro-me da felicidade dele ao me relatar que estava conseguindo entender algumas frases que os professores escreviam no quadro.

Não mencionei de forma explícita, mas Abel continuava cursando o 6^o ano normalmente, apenas se ausentou esses dois horários de 50min semanalmente para os nossos encontros. A felicidade de Abel me causou angústia, claro que não por ele, mas por todos os outros alunos que estavam sentados em suas carteiras, olhando para o quadro, cheio de letras que não lhes diziam ou representavam nada.

No âmbito da *práxis*, Freire (1996) nos convida a refletir sobre qual o nosso objetivo quando nos formamos professores. Com o domínio da escrita cursiva, podíamos agora utilizar livros que, como ele mesmo sinalizou, possuíam histórias mais interessantes. Interpretei essa fala como uma crítica construtiva, afinal Abel era um adolescente, que estava com livros em letras bastão e histórias infantilizadas. De tal modo, na biblioteca da escola só encontrávamos em letras bastão livros infantis. Ouvindo e entendendo essa crítica dele, procurei textos de

fácil interpretação, escrito em cursivo, com histórias mais condizentes com a idade dele. Assim, seguimos, durante todo o ano letivo de 2022, até que Abel conseguisse ler, interpretar e escrever pequenos textos. Ao final de 2022, ele foi promovido para a série seguinte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria possível afirmar que Abel agora possui as mesmas competências e habilidades que se espera para alunos do 6^o ano das séries finais do ensino básico? Talvez a resposta seja estabelecida em outra pergunta: como esperar que a chegada seja junta se a partida é diferente? Nesse contexto, o pensamento de Streck (2021) torna-se essencial, pois este pontua que a desigualdade é um elemento que se naturalizou na vida em sociedade e que, os pais e educadores, poucos estão dispostos em lutar em prol de mudanças. Assim, as desigualdades existem são reforçadas na escola, quando continuamos a escrever texto na lousa em letras cursivas, quando nossos alunos não conhecem a diferença entre vogais e consoantes. Por meio desse trabalho, observei que a abertura ao risco se faz necessária, que a possibilidade de combate à desigualdade se dá pela contestação da realidade. É preciso se sensibilizar, fazer além do que é óbvio, olhar o aluno como ele realmente é e não como idealizamos que ele seja.

A prática formativa permite que os educadores adquiram novas habilidades e conhecimentos através da experiência direta. Esse processo reflexivo ajuda a identificar áreas de desenvolvimento e a ajustar as estratégias de ensino para atender melhor às necessidades dos alunos. Assim, a experiência – enquanto prática formativa – é fundamental para o desenvolvimento profissional dos educadores. É um processo contínuo e dinâmico que envolve reflexão, experimentação e ajuste, visando aprimorar a eficácia do ensino e, conseqüentemente, o aprendizado dos alunos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2008a.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 10^a. ed. Campinas: Autores Associados, 2008b.

STRECK, D. R. 2021. Desigualdade e Educação: Mais uma revolução inacabada? **Conjectura**: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 26, 2021.